

# AS IDEIAS LINGUÍSTICAS NA OBRA DE DINO PRETI A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO SOCIOLINGUÍSTICO E CONVERSACIONAL NA LINGUÍSTICA BRASILEIRA

*Gil Negreiros* (USP, UNINCOR, FEPI)  
[gilrobertonegreiros@yahoo.com.br](mailto:gilrobertonegreiros@yahoo.com.br)

## *1. Considerações iniciais*

Conhecer as ideias linguísticas de determinado autor ou determinada época não é apenas descrever, com “olhos mais límpidos”, aquilo que ocorreu no passado. Mais do que isso, é perceber, no momento presente, as bases históricas, sociais e ideológicas que sustentam o discurso de hoje, dando sentido ao presente e configurando o futuro. Daí a grande importância de investigar essas ideias de forma sistêmica.

No caso específico da Linguística do Brasil, essa importância ganha contornos especiais, haja vista as várias áreas dos estudos linguísticos brasileiros e o grande número de seus colaboradores. Essa enorme diversidade merece, sem dúvida nenhuma, ser estudada e ser entendida mais a fundo, a fim de que tenhamos uma percepção mais ampla e clara da realidade de nossa ciência.

Este trabalho se enquadra nessa linha de atuação. Pretendemos, aqui, apresentar o projeto de pesquisa “Análise das ideias linguísticas presentes na obra de Dino Preti”, que nasceu da necessidade de se definir, com mais precisão, as origens teóricas e metodológicas do pensamento de Dino Preti, linguista, brasileiro e um dos precursores da Sociolinguística e da Análise da Conversação no Brasil.

Supervisionada pela Prof<sup>ª</sup> Dra. Marli Quadros Leite, pesquisadora da Faculdade de Letras Clássicas da USP, o processo de pesquisa referente ao projeto apresentado neste trabalho encontra-se em seu estágio inicial. Prevista para acontecer em quatro semestres, a pesquisa, hoje, analisa as primeiras produções do autor, classificadas como pertencentes à “primeira fase das ideias linguísticas”.

A seguir, apresentamos, primeiramente, um breve esboço contextual que justifica esse projeto, juntamente com as perguntas

que pretendemos responder e com as hipóteses iniciais que possuímos. Em segundo lugar, descrevemos os moldes teóricos que o conduzem e, em terceiro, os aspectos metodológicos regentes em um trabalho da área das ideias linguísticas.

**2. *Os motivos que nos levam a pesquisar as ideias linguísticas, o que pretendemos responder e o que sabemos hoje sobre o tema.***

**2.1. Por que um trabalho sobre as ideias linguísticas de Dino Preti?**

A história das ciências configura-se, na atualidade, como uma das áreas mais profícuas na investigação científica. Conhecer o passado (mesmo que esse seja um “passado próximo”), pensar a prospecção a fim de entender o presente: de maneira geral, é essa ideia que rege os estudos de historiografia. Sobre isso, Auroux (2006, p. 116) afirma que uma ciência sem passado é uma ciência morta. E os mortos não têm futuro.

Os trabalhos de historiografia das ciências ocorrem, hoje, de forma desequilibrada. Enquanto há uma quantidade satisfatória de discussões a respeito da história do pensamento matemático e da realidade natural, as ciências da linguagem não alcançam o mesmo nível de interesse por parte dos estudiosos. Não cabe, aqui, discutirmos as causas de tal comportamento. O certo é que há, no escopo da Linguística, muitas lacunas ainda a serem preenchidas do ponto de vista historiográfico. (cf. AUROUX, 1992, p. 8)

No caso específico da historiografia brasileira dedicada ao estudo das ciências da linguagem, podemos afirmar que há muito a se investigar. Como exemplo, basta relatarmos os poucos trabalhos de historiografia a respeito do pensamento e da obra de linguistas de destaque. Também é exemplo dessas lacunas a falta de desenvolvimento de pesquisas que busquem interpretar o percurso de certos temas, como os relativos à Análise da Conversação e à Sociolinguística, no âmbito do pensamento linguístico brasileiro.

Sobre esses últimos exemplos, cabem aqui algumas considerações. Aspectos orais e sociolinguísticos são temas relevantes e

sempre presentes nas discussões acadêmico-linguísticas das últimas quatro décadas. Nesse período, são significativas as produções que enfatizam a importância de um trabalho sério e científico com a oralidade e com temas ligados à Sociolinguística como, por exemplo, a variação linguística, na formação escolar da sociedade.

Alguns “instrumentos linguísticos”, como livros didáticos e materiais bibliográficos de apoio ao ensino de linguagem, começaram a apresentar, em seu conteúdo, mesmo de forma pouco enfática, aspectos relativos à importância de trabalhos voltados para as questões orais e sociolinguísticas, em resposta positiva ao que estava sendo buscado pelas ciências da linguagem que, por meio de outros “instrumentos linguísticos” (publicação de textos metalinguísticos, como teses, dissertações, artigos, gramáticas de usos orais etc.), delineavam a oralidade e os usos da língua na sociedade como objeto de investigação.

Um dos pesquisadores brasileiros mais significativos de todo esse percurso é Dino Preti que, em sua obra, foi um dos autores preocupados em estudar, pesquisar e divulgar a Análise da Conversação e a Sociolinguística nos contextos de pesquisa e de ensino. Em quatro décadas, a obra de Preti sempre foi marcada pelo trabalho com esses temas, o que, possivelmente, fez com que a seu pensamento fosse quase sempre reconstruído e redirecionado, de acordo com os aspectos históricos do momento de produção.

Diante disso, arriscamo-nos a afirmar que o projeto descrito neste trabalho se justifica sob dois ângulos distintos: do ponto de vista teórico e do ponto de vista social.

Primeiramente, com relação à justificativa teórica: ao desenvolver uma pesquisa sobre a história científica da obra de Dino Preti, a qual se inicia no final da década de 1960 até hoje, estaremos no âmbito da “História do Presente”. Desta maneira, não só tentaremos compreender o passado próximo, mas também o momento que vivemos atualmente. Sobre isso, Chaveau e Tétard afirmam que a história pode ser, com um menor recuo e métodos particulares, não apenas um estudo do passado, mas também um estudo do presente (1999, p. 15). Os mesmos autores também postulam que

O estudo historiográfico, metodológico e epistemológico dos tempos atuais está apenas desbravado. [...] A história do imediato e a do presente

demandam uma definição mais precisa, em seu próprio funcionamento, a fim de ser melhor percebidas [*sic*], individualmente, e uma em relação à outra. (IDEM, p. 21)

Além da importância para os estudos historiográficos voltados para a percepção do presente, a investigação sobre os traços histórico-sociais vinculados às ideias linguísticas observadas na obra de Preti será de grande valia também para os estudos teóricos sobre Análise da Conversação e Sociolinguística desenvolvidos no Brasil, haja vista os poucos trabalhos do tipo realizados em nossos contextos acadêmicos.

As justificativas sociais, por seu turno, estão ligadas, sobretudo, ao fato de a obra de Preti ter tido relações intrínsecas com o ensino de língua portuguesa em nosso país. Muitas das mudanças ocorridas no cenário do ensino de língua portuguesa nas últimas décadas – como a valorização do oral, a percepção e uma visão mais depurada dos usos linguísticos dos diversos grupos sociais (por exemplo, as *gírias* e *palavras obscenas*), a presença das marcas orais e sociolinguísticas na configuração de diálogos literários –, têm, na obra de Preti, sustentação teórica e metodológica.

## 2.2. O que pretendemos responder na pesquisa?

Quando se propõe uma investigação, no âmbito historiográfico, sobre ideias de determinado autor, obviamente poderíamos pensar no fato de essas ideias não serem palpáveis e, assim, justamente por serem abstratas, não poderem se tornar dados de pesquisa. Os conhecimentos (as ideias) não são acontecimentos. Portanto, não possuem datas.

Contudo, há materialidade das ideias produzidas pelo sujeito-pesquisador, que são datadas. Esse processo ocorre por meio das publicações, que trazem os conhecimentos materializados historicamente por meio dos enunciados que compõem a obra produzida por esse sujeito.

No caso aqui em destaque, têm-se como foco as ideias linguísticas de Dino Preti, produzidas a partir de “horizontes de retrospecto” específicos. Essas ideias foram materializadas em momentos específicos, nas inúmeras produções do autor, ou seja, os conheci-

mentos linguísticos de Preti se transformaram em acontecimentos históricos. Desta maneira, ao investigar os enunciados presentes em uma produção autoral é possível verificar as implicações que levaram a ela.

Assim, as perguntas que regem a pesquisa descrita neste artigo são: A partir das análises das produções de Dino Preti, como as ideias linguísticas são configuradas e materializadas? Quais são as implicações históricas (“os horizontes de retrospecto”) que delimitam e ainda delimitam a obra de Preti?

### **2.3. O que pretendemos encontrar na pesquisa?**

Como hipótese a esses questionamentos, acreditamos que a obra de Preti é marcada, sobretudo, pela influência da Análise da Conversação e da Sociolinguística, áreas da ciência da linguagem que ganharam destaque em meados da década de 1960. Ao buscar a confirmação ou não dessa hipótese, alcançaremos uma compreensão superior e geral de como essa influência ocorreu na obra em questão.

Vários são as possíveis evidências que nos norteiam na delimitação dessa hipótese. Primeiramente, acreditamos que o pensamento linguístico de Preti acompanhou as mudanças no cenário da Ciência Linguística. Suas obras foram catalisadoras de autores como Coseriu, Labov, Marcuschi e Tannen, autores que possivelmente fazem parte dos “horizontes de retrospecto” do sujeito-pesquisador. Em segundo lugar, suas produções quase sempre repercutiram as necessidades da época histórica, divulgando novas teorias e métodos científicos.

### **3. A proposta da “*Historiografia Epistemológica*”**

Para investigar as ideias linguísticas e suas causalidades históricas na obra do Linguista Dino Preti, adotamos o referencial teórico da Historiografia Linguística, na modalidade adotada por Aurox, aqui chamada de “Historiografia Epistemológica” (daqui em diante HE).

Com metodologia apoiada nos princípios da investigação qualitativa de ordem fenomenológica, as pesquisas baseadas nas teorias da HE não são de cunho comparativo-descritivo, como é a historiografia tradicional. A linha historiográfico-epistemológica considera a língua como fato social e se baseia na explicação e na interpretação filosófico-científica do conhecimento humano.

Busca-se, na HE, investigar ligações causais de seu objeto com outros que lhe são relacionados, a partir de cinco dimensões. Daí a fuga ao paradigma historiográfico tradicional, que valorizava, sobretudo, o caráter “horizontal” da questão, já que era de ordem fortemente cronológica.

Essas cinco dimensões direcionam as perguntas do historiador quando se constrói a representação histórica dos acontecimentos e demonstram, já de início, o caráter estritamente “vertical” da investigação científica. Essas dimensões são:

- um sistema de objetos (ou seja, uma representação construída a partir do domínio dos objetos);
- um parâmetro temporal;
- um parâmetro espacial;
- um sistema de parametragem externo que liga o sistema de objetos ao seu contexto;
- um sistema de interpretantes. (AUROUX, 2006, P. 106)

As dimensões que formam esse sistema de parametragem não são observadas de maneira homogênea. Ao contrário, o sistema é regulado a partir dos fenômenos históricos específicos que foram delimitados para se investigar. Assim, por exemplo, o sistema de parametragem externo (que relaciona o objeto ao contexto) e o sistema espacial podem ser muito fracos ou nulos. O sistema temporal, por sua vez, é relativamente forte e, em conjunto com o espacial, correspondem ao fato de os fenômenos (ou acontecimentos) serem produzidos em um *aqui / agora*. (cf. *Ibidem*)

As dimensões sustentam, assim, o caráter “verticalizado” da investigação historiográfico-epistemológica. Nesse modelo, não se adota apenas o parâmetro ou o critério temporal adotado nas vertentes da Historiografia tradicional. É justamente a presença de apenas o critério da “dimensão histórica” que faz com que os relatos historio-

gráficos tradicionais sejam apenas descritivos, voltados para um trabalho “horizontal” com a história. A partir do momento em que há outros parâmetros, a relação entre eles é buscada pelo pesquisador. As causas e as consequências dos acontecimentos, por exemplo, são delimitadas na pesquisa dessas relações.

É a partir da apresentação desses parâmetros propostos pela HE que passamos à discussão sobre dois temas nucleares: a questão do objeto da ciência e a definição dos “horizontes” a serem investigados.

Primeiramente, no que se refere à questão do objeto da ciência, há que se separarem três elementos que conduzem o trabalho metodológico do investigador: o sujeito (que é ele próprio, o pesquisador), o objeto a ser investigado e a “imagem” ou a “representação” que se faz desse objeto. Longe de ser um trabalho teleológico (que supõe uma leitura do passado com “olhos” do presente), a HE trabalha nos “domínios dos objetos históricos”, formados por um conjunto qualquer de entidades susceptíveis, que servirão de apoio empírico para o sujeito-investigador. (cf. *Idem*, p. 105)

Esse sujeito estuda os objetos não a partir deles próprios, mas sim a partir das “impressões” que o sujeito tem do objeto, muitas delas automaticamente relacionadas / relacionáveis a outros objetos históricos, a outros sujeitos do mundo exterior.<sup>1</sup>

Desta forma, o pesquisador, ao se apoiar nas cinco dimensões da HE, cria representações dos objetos não teleologicamente, mas a partir da definição de um horizonte de retrospectão que dá ao pesquisador o enquadramento necessário para investigar não apenas o objeto em si, mas todos os domínios históricos desses objetos. As imagens do objeto, que se situam entre o sujeito e o objeto, são distintas do objeto em si.

No caso específico da história das ciências linguísticas, os objetos a serem investigados são os conhecimentos humanos, as “ideias” científicas produzidas em determinado estágio. Obviamente, esses conhecimentos não são acontecimentos e, desta forma, não possuem data. Contudo, as aparições desses conhecimentos, que ocor-

---

<sup>1</sup> A questão sobre “impressões” e “representações” são discutidas em Auroux, 1998, p. 125-6.

rem por meio, por exemplo, de instrumentos linguísticos, é que são datadas. (cf. AUROUX, 2006, p. 105)

Em segundo lugar, no que tange aos “horizontes”, a HE considera que todo conhecimento, marcado na realidade exterior pelas aparições datadas, é uma realidade histórica, cujo modo de existência real está ligado a uma temporalidade ramificada e limitada da constituição cotidiana do saber. Justamente por ser limitado, o ato de saber possui uma espessura temporal, ou seja, um “horizonte” tanto de “retrospecção” quanto de “projeção”. Daí a afirmativa de Auroux segundo a qual qualquer ciência sem passado é uma ciência morta. E, sendo morta, essa ciência não terá futuro:

O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber (AUROUX, 1992, p. 11-12).

Os “horizontes de retrospecção” são, assim, conjuntos de acontecimentos antecedentes, estruturados de maneira heterogênea. Esses horizontes podem ser observados de forma *indexada*, a partir de referências textuais, presença direta ou indireta de autores, datas; ou de forma livre, presentes nos *conhecimentos comuns* e apagados da exterioridade. No que se referem às ciências da linguagem, os “horizontes de retrospecção” são estruturados de forma diferente, segundo, por exemplo, as épocas, os pontos de vista, as especializações e o desenvolvimento de outras vertentes científicas. (PUECH, 2006, p. 11)

Os “horizontes de prospecção”, por seu turno, são marcados pelos projetos, pela visualização dos passos a serem ainda percorridos e pela busca de separação / relacionamento com outras ciências.

Os “horizontes” são, assim, as marcas do relacionamento entre a “produção do conhecimento” ou o “ato de conhecimento” e a temporalidade. Na história dos conhecimentos linguísticos, deve-se levar em conta as representações dessa temporalidade como parte integrante do objeto do historiador. Cabe ao pesquisador buscar a definição de uma representação baseada nas relações causais e explicações efetivas. Assim, não faz parte do papel do historiador dizer se X é “mais ou menos ‘ciência’” do que Y, mas sim de buscar, por meio



de uma “neutralidade epistemológica” de um “comportamento anti-teleológico”, as causas históricas dos objetos investigados.

#### **4. Os caminhos que seguiremos na pesquisa**

Adotaremos na pesquisa apresentada neste artigo o Método Fenomenológico, que se enquadra no campo da análise qualitativa de dados.

Filosoficamente, o Método Fenomenológico se refere ao exame da relação entre o mundo e os sentidos humanos que o experimentam. Segundo Husserl, criador do termo “fenomenologia” e um dos principais nomes ligados a esse método, o conhecimento é obtido por meio da intuição. Segundo o pensador, para experimentarmos determinada realidade, torna-se necessário destacar e separar todos os nossos pressupostos sobre ela, para que se possa detectar a “essência” dos fenômenos. Deste modo, ao suspender nosso julgamento sobre as coisas, temos acesso ao dado verdadeiro e puro e, assim, poderemos descrevê-lo como ele realmente se apresenta. (APPLICATÓRIO, 2006, p. 165)

Ao adotar o Método Fenomenológico, podemos proceder, frente aos dados coletados, a alguns momentos de reflexão fenomenológica. Esses momentos podem ser listados da seguinte forma:

– Momento de imersão: leitura de todo material, com a finalidade de suspender as crenças e as opiniões, com aceitação acrítica de tudo quanto é proposto nos relatos.

– Momento de discriminação: separação e organização dos dados a serem analisados, de acordo com o critério definido teoricamente.

– Momento de atribuição de sentido: interpretação dos dados de acordo com suas referências teóricas e subjetivas. Trata-se de um momento de análise dissertativa e não de mera descrição.

– Momento de síntese: mapeamento das atribuições de sentido obtidas por meio da análise dos dados, com o intuito de alcançar uma compreensão geral e superior do fenômeno pesquisado. (cf. IDEM, p. 167)

Importante frisar que o Método Fenomenológico, como pertencente ao campo das análises qualitativas de dados, apresenta a possibilidade de a análise poder se iniciar até mesmo ao longo da coleta de dados. Além disso, não se buscam, por meio desse método, generalizações a respeito do tema. O que se busca é compreender um fenômeno no seu sentido mais intenso.

### 5. *Considerações finais*

A partir do relato realizado, é evidente a importância de projetos que visem elucidar as ideias linguísticas que compõem as formações discursivas das ciências da linguagem brasileira.

No caso específico do projeto aqui apresentado, estamos convencidos de que as descobertas irão contribuir para um melhor entendimento das concepções norteadoras da Análise da Conversação, da Sociolinguística e da Sociolinguística Interacional no contexto acadêmico brasileiro.

Por meio da análise dos textos acadêmicos de Dino Preti, mais especificamente das marcas de uma heterogeneidade discursiva mostradas nesses escritos, será possível não só entender as forças ideológico-históricas que garantiram a configuração discursiva em dado momento do passado, como também elucidarmos questões da atualidade referentes à Linguística do Brasil.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPOLINÁRIO, Fábio. *Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa*. São Paulo: Thomson Pioneira, 2006.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. *A filosofia da linguagem*. Campinas: Unicamp, 1998.

\_\_\_\_\_. Les méthodes d'historicisation. In: *Histoire, épistémologie, langage*. Université Paris VII, Tome XXVIII, Fasc. 1, p. 105-16, 2006.

CHAVEAU, Agnès e TÉTART, Philippe (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

PUECH, Christian. Pour une histoire de la linguistique dans l'histoire de la Linguistique? In: *Histoire, Epistemologie, Langage*.. Université Paris VII, Tome XXVIII, Fasc. 1, p. 9-24 , 2006.